

## Quando nasce uma professora: memórias Pibidianas da construção docente

When a teacher is born: Pibidianas memories of teacher construction

Sabrina Alves de Jesus<sup>1</sup>  
Fátima Kzam Damaceno de Lacerda<sup>2</sup>

**Resumo:** Esse artigo apresenta, através das memórias de uma das autoras, como suas vivências educacionais e seus professores influenciaram seu aprendizado e sua construção pessoal, política e profissional. Utilizou-se o aporte da pesquisa (auto) biográfica a fim de compreender o professor como profissional reflexivo, investigativo de sua prática, que é forjado nas vivências diárias e experiências em sala de aula e fora dela. Da educação infantil ao ensino superior, e passando pela experiência como Bolsista no Programa PIBID, foi possível verificar como as vivências no âmbito escolar exercem tamanha influência, a ponto de levar um estudante a escolher a profissão docente.

148

**Palavras-chave:** Formação de professores. PIBID. Pesquisa (auto) biográfica.

**Abstract:** This article presents, through the memories of one of the authors, how her educational experiences and her teachers influenced her learning and her personal, political and professional construction. The contribution of autobiographical research was used in order to understand the teacher as a reflective professional, investigative of his practice, which is forged in daily experiences and experiences in the classroom and outside it. From early childhood education to higher education, and through the experience as a scholarship holder in the PIBID Program, it was possible to verify how experiences in the school environment exert such an influence, to the point of leading a student to choose the teaching profession.

**Keywords:** Teacher training. PIBID. Autobiographical research.

### 1 Introdução

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Resende, RJ, Brasil. E-mail: sabrina1810@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutorado em Ciências Ambientais. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. fatima\_kzam@yahoo.com.br

Recebido em 30/03/2022

Aprovado em 16/05/2022

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



*“(...) a palavra tem um poder insubstituível. Não há imagem, som, cheiro, pancada, que diga tanto quanto ela. A escolha de uma delas, entre tantas outras – nada seria mais forte e precioso do que isso. Palavras, todas elas únicas, absolutas e suficientes por definição. Particularmente as escritas, que ficam lá, dizendo o que querem dizer, mesmo com o tempo passando.*  
(YOUNG, 2004, p. 83)

As experiências e vivências docentes em sala de aula, tem tamanha importância e influência, que podem levar um aluno à escolha da profissão docente para perpetuar e compartilhar essas experiências, aprendizados e vivências. Assim, esse trabalho tem como fundamento as memórias de educação infantil até o ensino superior, passando pela experiência de bolsista no programa PIBID<sup>3</sup> (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), que foi a base norteadora para a “escavação” dessas lembranças e para a realização dessa cronologia afetiva-reflexiva. A justificativa de tal escolha, deu-se pelo atual momento de pandemia, onde os docentes nunca antes foram tão necessários, sendo altamente valorizados em outros países e culturas, porém, seguindo em total desvalorização em nosso país. É uma materialização de memórias, para que o registro destas, possibilite que outros que virão, valorizem o profissional docente em todas as suas dimensões, assim como as memórias do convívio e a construção dessas histórias. Tal metodologia tem ganhado força nas pesquisas em Educação (SCHULZ et al., 2021) e também foi utilizada em trabalhos, como os organizados por Almeida e Bergamaschi (2012a) e Abrahão, Bragança e Araújo (2014), que muito inspiraram a presente pesquisa. É importante o registro de que as relações entre docentes e alunos interferem de variadas maneiras, negativas e positivas, na construção de um ser humano, político e social.

A discussão da pesquisa que, em sua íntegra, foi materializada no trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia de uma das autoras (JESUS, 2021), foi norteadora por Freire (1996), que nos traz a concepção de uma educação para a emancipação; Contreras (2002), que discute a questão da autonomia do professor; Giroux (1986), que se utiliza da teoria crítica para apontar a educação como um lugar de resistência; Zeichner (1993) e o conceito de

<sup>3</sup> Segundo o portal do Ministério da Educação, o programa oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos de licenciatura que se dediquem ao estágio nas escolas públicas. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula, fazendo uma articulação entre a educação superior, a escola e os sistemas estaduais e municipais. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pibid>>. Acesso em: 29 mar. 2022.

professor reflexivo, Nóvoa (1992) e sua análise da profissão professor, entre outros estudiosos e autores da educação.

A busca desse trabalho é refletir: quando nasce um(a) professor(a)?

## 2 Caminhos metodológicos

O estudo se desenvolveu a partir da participação no Projeto PIBID, no período de 2015 a 2018, no qual, como aluna-bolsista e coordenadora de um subprojeto interdisciplinar para os cursos de licenciatura oferecidos na modalidade semipresencial<sup>4</sup>, as autoras mergulharam na proposta de pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas (ALVES e OLIVEIRA, 2008), considerando a escola, em concordância com Araújo (2014, p. 167), para além de um “*locus* de aplicação de projetos pensados sobre ela, para ela”. Foi a partir das reflexões realizadas nesta experiência que se delineou os relatos das memórias vividas no ambiente escolar como metodologia para pensar a própria formação docente, tendo como premissa que a escrita autobiográfica se constitui como possibilidade de ressignificar nossas próprias histórias de vida, bem como a vivência da docência compartilhada proporcionada pelo PIBID (ALMEIDA e BERGAMASCHI, 2012a).

Os relatos foram realizados em ordem cronológica, desde a educação infantil até o ensino superior. A leitura de outros livros de memórias foi utilizada como um caminho de sensibilização para o processo de elaboração do memorial e que ajudou na escolha sobre o que contar e como contar, entendendo a memória como atos simultâneos de lembrança e esquecimento. Pois, nas palavras de Almeida e Bergamaschi (2012b, p. 11), “o exercício do lembrar não é em si um ato soberano, próprio de um sujeito autônomo e consciente. Há uma complexidade que permeia a evocação das lembranças, a produção dos silêncios e dos esquecimentos”.

E ainda, com relação aos registros das histórias de licencianda(o)s em Pedagogia, apontam as autoras:

Pela leitura de cada história, percebem-se as afinidades de cada autor/a, a força de suas ancestralidades, os percursos vividos em múltiplos lugares, e os textos traduzem uma busca pela maturidade em olhar para o vivido. [...] Idas e vindas, chegadas, partidas, conflitos, alegrias, tristezas, perdas, conquistas, tudo isso se mistura à escolha da docência como ofício e se revela nos percursos trilhados [...] (ALMEIDA e BERGAMASCHI, 2012b, p. 14).

<sup>4</sup> As especificidades do referido subprojeto interdisciplinar estão descritas em Lacerda e Saba (2014, 2015).

É nesse caminho que a próxima seção, as “Memórias”, será relatada na primeira pessoa do singular, e se constitui de fragmentos do memorial elaborado por Jesus (2021). É preciso registrar que a realização da pesquisa e elaboração do texto não foi tarefa fácil.

Afinal, refletir, evocar e escrever sobre a própria vida é algo difícil, exige a disposição para penetrar nas camadas da memória, por vezes endurecidas pelas marcas que o tempo vai deixando. É preciso considerar o estranhamento de narrar as experiências passadas; não é fácil permitir-se parar em meio ao cotidiano que nos exige atender inúmeras demandas e dedicar-se a esse trabalho de rememoração e escrita. Nesse sentido, foram muitas as implicações nesse processo de escrita do memorial. Escolher o que contar, como contar, assumir os riscos de uma exposição pública, são situações delicadas que foram discutidas ao longo da escrita e reescrita do texto (ALMEIDA e BERGAMASCHI, 2012b, p. 10).

### 3 Memórias

Quando penso na escola, da educação infantil, ensino fundamental, ensino médio até o ensino superior, me vem variadas lembranças, de professores que se tornaram eternos, por modos de pensar, agir e falar que merecem ser perpetuados por toda nossa existência, e outros que é melhor esquecer. As lembranças a seguir, são de variadas experiências, que vão da educação infantil, até o ensino superior. E assim façamos um mergulho nessas memórias...

O ano era 1987 ou 1988. Não tenho muita precisão disso. Mas lembro, que havia uma menina assustada, que vivia inerte num mundo paralelo. Um mundo só seu. Onde era possível fugir do alcoolismo paterno e dos comportamentos inconstantes maternos. Um mundo onde ela se refugiava em imagens e letras, que ela ainda não distinguia, mas que achava que deviam ter alguma importância e significado. Mal sabia essa menina, que as letras e as palavras um dia seriam as que a salvariam de sobreviver num mundo repleto de superficialidades e vazio. Essa menina, era eu...

A vida que precedeu a escola, até onde me recordo, era uma bolha familiar. Eu era uma menina cheia de medos. Me pergunto se esses medos eram de fato meus. Ir para a escola formal foi, num primeiro momento, um impacto doloroso. Pois, sair da codependência emocional em que vivia e era estimulada, para ser lançada num local diferente, com regras próprias e que me estimulariam como indivíduo único e independente, era para mim um “tsunami” de ideias e sentimentos.

As poucas lembranças a que minha mente me leva nesse exato período da transição da “educação” afetiva, emocional e empírica no lar, para uma que seria em ambiente formal, trazem a imagem de minha primeira professora: Alaíde. Uma jovem cheia de sonhos, esguia,

de cabelos escuros até os ombros, sempre usando roupas confortáveis e um tênis All Star. Com ela e outros professores que se tornaram importantes na minha caminhada estudantil, profissional e emocional, iniciei os primeiros passos da individualidade, de começar a enxergar-me como ser pensante e único, valorizando minha pessoa e essência, abandonando e tentando superar as marcas e limitações que todo lar disfuncional pode proporcionar a um ser humano.

A escola que foi o palco ou terreno fértil para meus primeiros passos no campo da educação, foi o Colégio Estadual Olavo Bilac, local onde estudei toda a minha vida, desde a educação infantil, aos ensinamentos fundamental e médio, situado em Resende, cidade onde resido até hoje. Lá, aprendi sobre medo, tristezas, dores, alegrias, amizades, bullying, ri, chorei e hoje, muitos anos depois, percebo que serviu muito mais que apenas um ambiente de educação formal: serviu como formação para uma vida toda.

Fui inserida no que era chamado na época de C.A. (Curso de Alfabetização), quando esse processo era desvinculado da necessidade de compreensão daquilo que se lia. O primeiro momento, de adaptação, o choro e insegurança eram constantes. Sentia-me perdida num ambiente que eu não conhecia, rodeada de crianças que nunca vi, com atividades nunca antes vivenciadas. Mas, o universo sempre trabalhando a meu favor, privilegiou-me, com uma professora que era puro afeto. O medo ia sendo dissipado com tantas demonstrações de carinho e acolhimento. Foi um processo que demorou um pouco, mas, quando o medo foi sendo substituído pela confiança e curiosidade do mundo que ali me cercava, fui percebendo que a casa e o seio familiar não eram apenas os locais onde poderíamos estar. A escola podia ser uma segunda casa. E, no meu caso, poderia até ser uma casa melhor no acolhimento emocional e psíquico.

Entre massinhas, lápis de cor, giz de cera, casinhas com cronograma de organização, colegas, horários, etc, fui compreendendo a convivência social. Aquele espaço coletivo, desfrutado e usufruído por muitos, e que tinha funções múltiplas, foi o lugar onde pude compreender, com o passar dos anos, como a memória é complexa e importante. A memória em si, memória olfativa, memória afetiva, memória visual, memória auditiva e tudo que estas carregam em “si” (BOSI, 1994). A hora da merenda na escola, por exemplo, era uma festa. Hoje percebo que minhas lembranças dessa parte memorável e gostosa da escola, foram tão marcantes ao ponto de quando encontro sabores ou cheiros parecidos, consigo ser projetada àqueles momentos tão deliciosamente significativos. Na simplicidade da minha infância, via tudo com sabores, aromas e cores. Como era prazeroso aguardar na fila da merenda, entre

risadas, cochichos, fofocas e brincadeiras, a chegada da minha vez. Para alguns, aliviava a fome. Para outros, alimentava a alma...

No ensino fundamental, além de Alaíde, outras professoras marcaram minhas memórias. Maria da Glória, Gogóia, era mais uma professora que dava vontade de colocar num potinho e guardar. Eu não lembro a série, mas, lembro da sua importância, carinho, firmeza e doçura como docente. Maria Luíza, por sua vez, era uma professora temida. Parecia não se importar com a má fama que conquistou, sem muito esforço. Intimidadora, grosseira, hostil, sarcástica, ofensiva. Quando estudei com ela, já era maior, alfabetizada, em série mais avançada. Também não lembro qual era. No caso dela, melhor talvez seria esquecer, mas, a maturidade e o trabalho docente foram importantes e necessários para talvez compreender suas atitudes.

O Ensino médio foi uma transição marcada por professores que redirecionaram e redimensionaram uma existência. Andreia foi professora de História. Estudar com ela era ser introduzida lentamente a leituras que, anos depois, tive (e tenho) muito apreço e identificação: Engels, Marx, Durkheim, passando a leituras da psicanálise, com Freud, Lacan, Contardo Calligaris, Maria Homem, etc. e, na educação, com Piaget, Maria Montessori, etc. Dela tenho muitas saudades, das aulas, com tanto ardor, entusiasmo, conhecimento, que faziam toda a sala parar, calar e ouvir. Dalva, de Literatura, era uma professora excessivamente tradicional. Tradicional mesmo, sem pudor ou empenho algum de demonstrar o contrário. Não era uma professora afetuosa. Dalva tornou-se indispensável, importante para mim, pois acessava o que existia (e existe) de melhor no mundo para mim: os livros! E assim, nos conectamos. Professor Cândido ficou para o final das minhas lembranças de Ensino Médio, porque, certamente, ele foi a chave de ouro: nas suas controvérsias e luta constante, plantou, lá atrás, a semente da consciência social e coletiva em mim. Docente de Língua portuguesa, sua primeira aula, foi impactante: subiu na mesa para comunicar-se com a turma. Declamou poemas, falou de política e sobre a necessidade de acendermos nossa lâmpada. Professor Cândido me emocionou diversas vezes com suas aulas. Mais pelas lições de vida do que pelos seus conteúdos. De todas as contribuições afetivas, sociais e educativas, o professor Cândido foi o “norte” que me fez pensar e desejar fazer parte da classe docente. Ele, com suas aulas, com suas falas, com suas declamações, com seus discursos sociais, me fez ver, sentir e entender que a profissão docente vai muito além de salário e reconhecimento: é um chamado para poucos. E os que o escutam tornam-se docentes que visam plantar novas sementes, nos moldes preconizados por Giroux (1986). Tenho muita gratidão e admiração a ele por tudo, pois com seus aprendizados e lições de vida, enfim, consegui acender a minha lâmpada.

A Universidade foi o local onde de fato me encontrei. Anos seguidos sofrendo por ter minha confiança minada e com isso crescer sem acreditar no meu talento, capacidade de aprendizagem e produção, na Universidade fui sempre colocada à prova para pensar, pesquisar, não me acomodar, questionar incansavelmente. Assim, enfim, percebi que “havia um cérebro pensante” em mim, bem diferente do que me falavam e tentavam fazer eu crer por muito tempo. O Cederj<sup>5</sup> foi minha terceira tentativa de manter-me no meio acadêmico. Iniciei duas vezes o curso de Licenciatura em Pedagogia em instituições particulares, mas não pude continuar por questões financeiras. Com sua proposta pública, gratuita e de qualidade (CASSIANO et al., 2016), o Cederj devolveu-me a esperança de dar continuidade aos estudos.

Tudo foi muito novo: educação a distância, fazer parte de um consórcio de universidades públicas, tutorias que substituem aulas tradicionais, a autonomia, disciplina e organização diferenciados que o sistema exige: novas oportunidades e aprendizados. Inicialmente, até colocar tudo isso em ordem não foi fácil, mas, com tempo, paciência e a colaboração de pessoas ímpares que conheci no decorrer dessa jornada, consegui me adequar às novidades. No decorrer dessa nova caminhada, conheci duas profissionais excepcionais, Soraya e Patrícia, que viraram amigas queridas, além de profissionais que admiro e em que me espelho, tutoras presenciais<sup>6</sup> do Curso, com seus ensinamentos atemporais, afetividade, senso de coletivo, de auto responsabilidade, compromisso consigo, com o outro e com a educação. Ambas me ensinaram mais ainda sobre a importância de ser uma aluna e futura profissional focada, dedicada e que, acima de tudo, é preciso gostar de pessoas e gostar do que se faz, para sermos profissionais melhores para nós, para nossos alunos e para o sistema público, tão necessitado de docentes com esse sentimento, visão e ação. Eu não teria chegado até aqui sem a ajuda, colaboração, contribuição e ensinamento de ambas.

Como licencianda, participar do PIBID foi uma forma de vivenciar a realidade docente e criar vínculos com a sala de aula (FRISON, VEIGA SIMÃO e CIGALES, 2017). Novidades viriam e eu mal imaginava que passaria por situações transformadoras em vários aspectos, desde repensar valores; repensar sobre a prática docente, conforme apontam Pimenta e Ghedin (2005); repensar o real e integral papel do professor em sala e dentro da comunidade escolar que integra, como preconiza Freire (1996); repensar a afetividade e o afeto dentro do ambiente escolar; sobre como a realidade dos alunos os afetam dentro e fora da escola, etc. Tudo que eu

<sup>5</sup> Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro. Ver: <www.cederj.edu.br>.

<sup>6</sup> Sobre o papel da tutoria na Educação a Distância (EAD) proposta pelo Cederj, destacamos o trabalho de Cassiano et al. (2016).

lia e ouvia nas aulas, foi possível vivenciar com plenitude nos tempos de PIBID. Até porque, tive oportunidade de estar em duas escolas, com duas faixas etárias completamente diferentes, onde as propostas e vivências eram bem diferenciadas: o Colégio Estadual João Maia e o Colégio Municipal Getúlio Vargas, ambos situados no município de Resende.

No João Maia tive novos aprendizados, novas vivências, novas pessoas para conhecer, novas lições acadêmicas e de vida. Entrei cheia de expectativas e cheia de vontade de aprender. Sob a orientação da Profa. Genise, fui apresentada à proposta do trabalho na escola, que tinha um viés bem científico. Árdua militante em prol da coletividade, do ensino público em todos seus segmentos, do respeito dos docentes, da diversidade, dos debates públicos sobre assuntos importantes à coletividade, a favor da escola COM partido, Genise foi mais uma fonte de conhecimento que me abasteceu, fortaleceu, direcionou e impulsionou, na defesa e luta pelo ensino público, gratuito, laico, com respeito e amorosidade.

No Getúlio Vargas o projeto PIBID teve foco na alfabetização e trabalhamos com 10 turmas do 3º ano do ensino fundamental. Lá, de fato me encontrei. Sob orientação do Prof. Cadu, tive aprendizados dos mais diversos, desde os acadêmicos<sup>7</sup> aos aprendizados de vida. No Getúlio, cada dia mais, fui compreendendo quão complexo e exigente é o papel de um docente de verdade. Dependendo da postura do docente, este pode mudar vidas e inspirar. A minha vida e a escolha da profissão docente, se deu exatamente pelos exemplos de professores que enxergaram a docência e o ambiente escolar, além de suas salas, além dos muros da escola, com ética, de maneira laica, levando ao entendimento do quanto pensar e batalhar pela coletividade é importante e necessário, conforme destaca Nóvoa (1992).

Cada uma das escolas em que estagiei como PIBIDana e as escolas que estagiei na grade curricular do curso, me proporcionaram grandes ensinamentos, muito além dos que eu esperava, conforme as experiências relatadas na obra organizada por Almeida e Bergamaschi (2012a). Posso afirmar, de maneira veemente, que a pessoa que adentrou aqueles portões, não é a mesma que saiu e não é a mesma que redigiu esse trabalho. Todas as experiências foram me mostrando, como um(a) professor(a) vai sendo construído(a) e como esse processo é longo e contínuo. Em meu coração e lembranças, de todas as escolas, o Getúlio será sempre a melhor memória.

Em função da importância do PIBID foram muitos os esforços dos alunos e docentes envolvidos no programa para que o mesmo não fosse extinto ou modificado: abaixo assinados,

<sup>7</sup> Os trabalhos realizados pela equipe do PIBID no Colégio Getúlio Vargas foram apresentados nos eventos acadêmicos VIII EREBIO (SANTOS et al., 2017) e V ENECiências (SANTOS et al., 2018).

mobilizações dos bolsistas, apelos nas redes sociais, etc., mas não adiantou, e o programa foi modificado em 2018 pelas equipes do governo de Michel Temer, presidente que tomou posse após o do *impeachment* da presidente eleita à época, Dilma Rousseff. O trabalho de Silva (2020) esmiúça melhor sobre o assunto, explicando o esvaziamento da proposta inicial do PIBID.

Apesar do fim, o PIBID mudou muitas mentalidades, possibilitou acesso real e vínculos diversos e muito importantes, alguns, mantenho até hoje devido à importância dos profissionais que me orientaram e me auxiliaram a ter uma mente mais aberta, mais empata e mais justa diante da dura realidade que presenciei no cotidiano das escolas públicas.

#### 4 Considerações finais

*“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 22).*

Um(a) professor(a) de verdade, recebe um chamado sutil da vida. São vários movimentos, situações, pessoas, sincronicidades, que o(a) empurram para essa profissão, ainda mais no Brasil, onde é uma das mais desvalorizadas. Um(a) professor(a) é forjado(a) através das lutas e indignações sociais, é forjado(a) na sua batalha diária e, muitas vezes, de toda uma vida, por uma educação laica, por uma educação gratuita e acessível a todos, em especial as camadas mais pobres e menos favorecidas economicamente e socialmente, que são o cerne das injustiças e violências. Um(a) professor(a) nasce, quando consegue ver o estudante como um ser humano, quando consegue ver suas necessidades e limitações como um todo e de maneira sistêmica. Quando ele(a) consegue ver a importância de conhecer o histórico e origem desse estudante, o que justifica e explica comportamentos agressivos, de ausência, de choro, tristeza, etc.; um(a) professor(a) nasce quando consegue compreender a importância do seu trabalho, da sua postura e fala, como tudo isso pode estimular ou desestimular um estudante. E assim, esse(a) professor(a), consciente do seu papel político social, não se abstém em defender a educação, o ensino público, a proteção integral as crianças, em defender o cuidado e segurança da escola que ele(a) trabalha e a comunidade que o(a) cerca. Um(a) professor(a) nasce, quando ele(a) consegue se emocionar e fazer dessa emoção e dores, uma mola propulsora de justiça social, de comoção e de luta pela educação para todos, especialmente para os socialmente desfavorecidos.

Verificamos que a escrita reflexiva das memórias vividas é um caminho que permite a (re)elaboração das experiências formativas e o entrelaçamento destas com os momentos socio-

político-culturais que permearam tais vivências, sendo possível vislumbrar a gestação do ser professor(a): lembranças que tecem as escolhas da docência.

## Referências

ABRAHÃO, M. H. M. B.; BRAGANÇA, I. F. de S.; ARAÚJO, M. da S. (Org.). **Pesquisa (auto)biográfica, fontes e questões**. Curitiba: CRV, 2014. 338p.

ALMEIDA, D. B.; BERGAMASCHI, M. A. (Org.). **Iniciação à docência em Pedagogia – Memórias que contam histórias**. São Leopoldo: Oikos. 2012a. 136p.

ALMEIDA, D. B.; BERGAMASCHI, M. A. Lembranças que tecem as escolhas de docência: memoriais das bolsistas do PIBID Pedagogia. In: ALMEIDA, D. B.; BERGAMASCHI, M. A. (Org.). **Iniciação à docência em Pedagogia – Memórias que contam histórias**. São Leopoldo: Oikos. 2012b, p. 7-15.

ALVES, N.; OLIVEIRA, I. B. de. (Org.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas – sobre redes de saberes**. Petrópolis: DP et Alii, 2008. 168p.

ARAÚJO, M. da S. Abordagem autobiográfica no diálogo Escola-Universidade. In: ABRAHÃO, M. H. M. B.; BRAGANÇA, I. F. de S.; ARAÚJO, M. da S. (Org.). **Pesquisa (auto)biográfica, fontes e questões**. Curitiba: CRV, 2014, p. 165-181.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 488p.

CASSIANO, K. M. *et al.* Distribuição espacial dos polos regionais do Cederj: uma análise estatística. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 90, p. 82-108, 2016.

CONTRERAS, D. J. **Autonomia dos professores**. Trad. Sandra Trabucco Valenzuila. São Paulo: Cortez, 2002. 296p.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. 144p.

FRISON, L. M. B.; VEIGA SIMÃO, A. M.; CIGALES, J. R. Aprendizagem na docência: PIBID e a formação de professores. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 15, n. 01, p. 25-44, 2017.

GIROUX, H. **Teoria crítica e resistência em educação: para além das teorias de reprodução**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1986. 336p.

JESUS, S. A. de. **Quando nasce uma professora: relato da construção docente sob uma perspectiva PIBIDiana**. 37f. Monografia (Curso de Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

LACERDA, F. K. D.; SABA, C. C. N. A inserção de estudantes EAD nos projetos de ensino, pesquisa e extensão da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. In: SOUSA, A. H. de S. *et al.* (Org.). **Práticas de EaD nas universidades estaduais e municipais do Brasil: cenários, experiências e reflexões**. Florianópolis: UDESC, 2015, p. 197-204.

LACERDA, F. K. D.; SABA, C. C. N. PIBID e os desafios de projetos interdisciplinares na EAD/UERJ. In: Encontro Nacional das Licenciaturas, 5., 2014, Natal. **Anais [...]** Natal, 2014. p. 1-12. 1 CD.

NÓVOA, A. (Org.). **Profissão Professor**. 2. ed. Porto: Porto, 1992. 192p.

PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Org.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2005. 264p.

SANTOS, C. E. *et al.* Uma experiência interdisciplinar no contexto do PIBID: alfabetizando com/nas ciências. In: Encontro Regional de Ensino de Biologia RJ/ES, 8., 2017, Rio de Janeiro. **Anais [...]** Rio de Janeiro, 2017, p. 1-12.

SANTOS, C. E. *et al.* Práticas educativas de saúde e meio ambiente na escola: uma experiência interdisciplinar no ensino fundamental. In: Encontro Nacional de Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente, 5., 2018, Niterói. **Anais [...]** Niterói, 2018, p. 1-10.

SCHULZ, L. *et al.* Características da pesquisa (auto) biográfica na formação docente: análise da produção científica brasileira. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 18, n. 53, p. 484-510, 2021.

SILVA, D. D. O programa institucional de bolsas de iniciação à docência - PIBID: prelúdios de seu acaso. In: Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste, 25., 2020, Salvador. **Anais [...]** Salvador, 2020. p. 1-6. Disponível em: <[http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/20/7480-TEXTO\\_PROPOSTA\\_COMPLETO.pdf](http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/20/7480-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf)>. Acesso em: 09 de jul. 2021.

YOUNG, F. **Aritmética**. Rio de Janeiro: Ediouro 2004.

ZEICHNER, K. M. **A formação reflexiva de professores: ideias e práticas**. Lisboa: Educa, 1993. 131p.